

A pior crise do capitalismo

Estamos há algumas semanas do início do que já é a pior crise do capitalismo desde o fim da Revolução Industrial (1776-1830).

É quase fútil o esforço de mostrar em números a gravidade da situação. As piores previsões são em poucas horas substituídas por previsões ainda mais sinistras. Desde meados dos anos de 1970, quando se iniciou a crise estrutural do capital (Mészáros), é a primeira vez que a paralisia da produção industrial ameaça arrastar atrás de si um sistema financeiro já combalido. As crises anteriores eram lideras pelo descalabro financeiro e a produção caía em consequência. Nestes nossos dias, um sistema financeiro já no limite tem pela frente uma crise na indústria que, ao diminuir a produção do capital, potencialmente eleva a crise financeira a um patamar inédito.

A crise do sistema financeiro já vinha de antes. A crise na indústria já estava patente em 2019, com setores importantes como a indústria automobilística, a de máquinas e ferramentas etc. dando sinais de recessão. No final de 2018 e, novamente no início de 2020, um clima de pânico levou a um movimento de venda generalizada, tanto no mercado de ações quando no mercado dos títulos da dívida pública e a uma contração nos investimentos e no consumo.

Esses problemas agora se potencializam. Uma inevitável recessão mundial se articula com uma crise financeira que já eliminou em apenas três semanas mais de 30% do capital investido nas bolsas de valores do mundo todo. Algumas previsões já são de uma recessão mundial neste e no próximo ano. Hoje há uma única certeza: as coisas vão piorar. Esta primeira onda da pandemia será seguida de outras, até que se consiga uma vacina ou um remédio específico. E, ainda, não está descartada a possibilidade de uma mutação genética do vírus o tornar ainda mais difícil de ser combatido por uma vacina ou por remédios.

Quais as razões desta crise?

Não há várias razões, há apenas uma: o modo de produção capitalista.

No século 14, no início da decadência do feudalismo, a Europa conheceu um desenvolvimento comercial que levou ao crescimento das cidades. Cercadas por muralhas, os centros urbanos incharam com as piores condições de higiene e moradia. Ao mesmo tempo, a expansão do comércio intensificou o contato com o Oriente Médio, onde já chegara a bactéria da Peste Bubônica. A confluência daquela situação histórica com a Peste levou à morte mais de 150 milhões de pessoas no mundo, numa população estimada de 500 milhões. Não fosse o comércio e as condições de moradia e trabalho nas cidades medievais, a Peste Negra não teria ocorrido, mesmo com a chegada do vírus ao Oriente Médio.

Mudando o que deve ser mudado, algo similar acontece em nossos dias. Sabemos que o capital é uma forma de riqueza que apenas existe se acumulando de modo incessante e ilimitado. O capitalismo converte a humanidade em instrumento para a acumulação do capital e, cada indivíduo, em uma individualidade cuja vontade é ter dinheiro. Após quase dois séculos do final da Revolução Industrial (1776-1830), chegamos a um ponto em que o capital invade de modo vertiginoso os últimos lugares do planeta ainda não convertidos em fonte de lucro e nos coloca em contato com vírus, fungos e bactérias que habitam estes locais. Há alguns anos o principal foco destes vírus foi a África, origem do HIV e também do Ebola. Mais recentemente o principal foco passou a ser a Ásia, em especial a China. Tivemos nos últimos anos o vírus da gripe aviária, o H1N1, o SARS e, agora, temos o Coronavírus. Já tivemos mais epidemias nestes primeiros vinte anos do século 21 do que em todo o século passado!

Este mesmo processo que invade sem cerimônia o que ainda resta intocado no planeta, também levou à penetração do capital no campo. Em vastas áreas do planeta (Brasil inclusive) a agricultura tradicional, em geral voltada ao mercado local, foi sendo substituída pelo agrobusiness. O resultado foi uma mecanização do campo que expulsou os antigos moradores. Tivemos, com isso, o número de habitantes urbanos ultrapassando os do campo e, as cidades, explodiram em gigantescas favelas. *Planeta favela*, de Mike Davis, é um belíssimo ensaio sobre este processo.

As condições para a atual pandemia já estavam dadas há décadas. Que não me deixe mentir Laurie Garrett que publicou em 1995, depois de dez anos de pesquisa, *The coming plague* (A praga que está por vir). Por mais de 700 páginas a Dra. Garrett, por muitos anos pessoa importante do CDC de Atlanta, fundamenta porque a questão não mais era a de se teríamos uma pandemia no futuro, mas quando a teríamos e se teríamos a sorte de ser um vírus (tal como o Corona) com uma baixa taxa de mortalidade e que não se propaga entre os humanos tão facilmente quanto o vírus da varíola, da Poliomielite ou da gripe.

Que um modo de produção que submete todas as necessidades humanas às necessidades de reprodução do capital, se transformou em um modo de vida mortal para a humanidade, hoje restam poucas dúvidas. Não fosse a pandemia do coronavírus, outra viria!

Para entendermos a crise, portanto, o primeiro passo é termos uma visão histórica: a pandemia e a crise econômica se potencializam. E ambas são o resultado daquilo em que o capital converteu a humanidade. A pandemia do coronavírus é tão fruto do capitalismo quanto a Peste Negra do século XIV foi fruto do desenvolvimento econômico e urbano daquele período.

A causa, portanto, é uma só: o modo de produção capitalista.

Qual a saída?

A profunda ironia da situação é que não necessitamos, hoje, passar pelo que estamos passando. O desenvolvimento das forças produtivas é de tal ordem que há riqueza para todos no planeta. Produzimos mais alimentos, energia, roupas, moradias etc. do que precisamos (e estamos, claro, destruindo com isso o planeta). E esta loucura de se produzir mais do que se precisa e destruir o planeta tem apenas a finalidade de acumular riqueza nas mãos dos 1% mais ricos e distribuir miséria planeta afora.

Por que não podemos distribuir igualmente o que já produzimos? Por que isto acabaria com os lucros do capital. Para podermos usufruir enquanto humanidade da produção de todos os humanos, é preciso que a finalidade da produção seja aquilo que necessitamos, não o lucro dos capitalistas. Enquanto o capital continuar a comandar a produção, o lucro está acima do humano, o planeta continuará a ser destruído e, se esta pandemia for controlada, outras virão.

A saída, sem remissão, está na superação do modo de produção capitalista pelo modo de produção comunista, isto é, aquele em que todos decidem o que e como será produzido, e no qual todos tenham acesso a tudo o que for produzido.

Por que o comunismo parece impossível?

Se olharmos a história do século passado, veremos que temos nele duas fases bem nítidas. A primeira fase, que se estende até 1950 mais ou menos, é marcada por uma infinidade de revoluções, incluindo as duas mais importantes, a Russa e a Chinesa.

Depois desta fase, temos uma outra na qual as revoluções praticamente desapareceram. Tivemos a Argélia, o Vietnã, as colônias portuguesas na África, a Nicarágua e pouca coisa mais. São revoluções isoladas e que não têm o peso histórico de uma Revolução Espanhola, Russa ou Chinesa.

O início desta segunda fase coincide com uma transformação importante na classe operária. O desenvolvimento industrial (mais intensamente em sua fase fordista, mas não apenas) deu origem a uma camada da classe operária que, por ser mais especializada e ter uma estabilidade no emprego maior do que a média dos outros trabalhadores, tende a ter uma maior disposição de apoiar as políticas econômicas do capital, desde que estas políticas lhe garantam salários e estabilidade no emprego. Esta camada é denominada de aristocracia operária e já era conhecida por Engels e Lenin. No século 20, contudo, o desenvolvimento do fordismo e, depois, já no final do século, com a tendência à transferência de parques industriais inteiros dos países avançados para periferia do sistema, o peso econômico e social da aristocracia operária aumentou bastante. O capital passou a contar com um forte apoio de um setor importante da classe operária para não apenas evitar a revolução, como ainda para fazer avançar o fordismo e, depois, o toyotismo e hoje a indústria 4.0.

Este crescimento da aristocracia operária é o que possibilitou que, já em pleno neoliberalismo, o comando de Estados importantes (a França, a Inglaterra, a Suécia, a Holanda, a Itália etc.) fosse entregue a partidos de base operária e de tradição de esquerda. No passado tais partidos eram uma ameaça ao capital, no final do século haviam se transformado em “cães de guarda” dos capitalistas. No Brasil, o mesmo foi o caso do PT.

Uma entrada da classe operária na luta pelo comunismo enfrenta, portanto, um enorme obstáculo: a estrutura política e sindical que tradicionalmente é identificada com a classe operária se converteu em uma arma do capital contra os trabalhadores. A luta anticapitalista apenas avançará tendo por base um movimento da classe operária que rompa com tais partidos e sindicatos. E este é o nosso principal problema no momento: sem um levante operário, apenas as soluções capitalistas serão oferecidas à humanidade. E estas soluções nada mais são do que mais do mesmo e nós sabemos que esse “mesmo” nada mais significa do que piorar a situação que já é calamitosa.

É possível uma saída como um novo Estado de Bem-estar?

Taxativamente não.

Por uma razão fundamental (além de várias outras secundárias, mas não desimportantes): os antigos Estados de bem-estar apenas puderam se estruturar nos 9 países capitalistas mais avançados porque havia uma fonte de mais-valia absoluta que poderia ser potencializada, financiando assim a expansão dos mercados de consumo sob os Estados de bem-estar. Esta fonte de mais-valia era a periferia do sistema e o mecanismo para extrair essa mais-valia eram as multinacionais.

Hoje, todo o planeta está ocupado pelas transnacionais (que são as multinacionais do passado, apenas mais desenvolvidas), não há nenhuma nova fonte de mais-valia absoluta para ser aberta. A crise financeira e industrial envolve a totalidade do planeta em uma malha de canais de circulação de capitais que o neoliberalismo aperfeiçoou ao extremo. Não há mais nenhuma nova fonte de mais-valia que possa ser aberta e postergar a crise do sistema do capital no seu todo.

Também por isso as alternativas reformistas não serão capazes de tirar a humanidade desta situação desesperadora em que nos encontramos. Mas, sem a classe operária estar em movimento, não há alternativa revolucionária que se torne viável. Este é o tamanho da crise em que estamos metidos.

É uma crise histórica, vivemos momentos históricos. O resultado pode ser o comunismo, a barbárie ou, se não tivemos sorte, a destruição da humanidade. Hoje a tendência predominante é em direção à barbárie. Mas isso pode mudar rapidamente!